

Revista Portuguesa
de História

José Vives : *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*. — Vol. de 8 4- 300 + xx págs. com 66 gravuras e 2 mapas. — Publicações do Instituto Jerónimo Zurita e edição da «Biblioteca Histórica» da Biblioteca Balmes, serie n, vol. xviii. Barcelona, 1942.

Fazia-se sentir de há muito a necessidade duma edição crítica das inscrições cristãs da Península.

Com efeito, a obra do sábio epigrafista alemão Emílio Hübner (*Inscriptiones Hispaniae Christianae*, Berlim, 1871, e *Supplementum*, Berlim, 1901), além de estar esgotada, precisava de ser corrigida e completada com as numerosas inscrições descobertas depois da sua publicação, sobretudo nas necrópoles romano-cristãs de Tarragona e de Mértola.

A obra de E. Diehl (*Inscriptiones Latinae Christianae Veteres*, Leipzig, 1925-1931), apesar de mais recente e perfeita que a de Hübner, repete parte dos erros deste e dá-nos apenas uma selecção e não uma edição completa das inscrições cristãs

Procurou preencher esta lacuna o ilustre historiador espanhol Dr. P^o José Vives com as *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*. O Autor tinha, já anteriormente, publicado notáveis trabalhos preliminares para esta obra, v. g., *Inscripciones cristianas de la Necrópolis romano-cristiana de Tarragona*, em «Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans», vol. 8.º; *Uso y expansión de la hra hispánica*, em «Historisches Jahrbuch», vol. 58.º; *Inscriptiones Hispaniae Christianae. Cuestiones de datación*, em «Spanische Forschungen», vol. 8.º, e na «Rivista di Arch. Cristiana», vol. 16.º.

O Autor não pretendeu dar à sua obra o aspecto monumental dum *Corpus Inscriptionum*, mas abrir caminho seguro para este. Foram mais modestas as suas pretensões, pois teve sobretudo em vista: «ofrecer una colección eminentemente práctica para investigadores de la historia y de la cultura cristiana de la Península y, también, por su poco coste, para estudiantes de los centros universitarios».

Dentro deste plano, J. Vives limitou-se a breve estudo das características arqueológicas das inscrições, preferindo, em compensação, rever meticolosamente os textos e comentários de

Hübner, completar as obras deste e de Diehl, transcrever e comentar os textos epigráficos. Conseguiu assim dar-nos um trabalho de maior merecimento e mais útil que os destes autores.

Na verdade, além de acrescentar umas duzentas e cinquenta inscrições cristãs desconhecidas de Hübner e de Diehl, facilitou a consulta, dando-lhes uma ordem e distribuição metódica e não meramente topográfica. Os comentários foram, por sua vez, valorizados com o estudo comparativo das fórmulas para estabelecer a sua classificação e distribuição sistemáticas, o que permitiu deduzir conclusões de grande importância histórica.

Dentre as muitas correcções feitas merecem especial referência os notáveis estudos sobre a era hispânica e o valor do X aspado, já anteriormente publicados nas revistas acima referidas.

No primeiro, provou, contra Hübner e Mommsen, que a chamada *era hispânica*, com trinta e oito anos de avanço sobre a era cristã, principiou na região asturo-cantábrica pelos fins do séc. in, donde foi irradiando para as regiões vizinhas : Mérida, nos fins do séc. iv ; o resto da Lusitânia, a Bética e a Galécia, nos fins do v ; e a parte ocidental da Cartaginense, nos meados do vi. No resto da Península só penetrou no tempo da Reconquista, aparecendo, todavia, raras vezes na Catalunha.

No segundo estudo demonstrou que Hübner e, a exemplo dele, os arqueólogos estrangeiros (Kaufmann, Diehl, Leclercq, etc.) dataram mal muitas inscrições por darem ao X aspado o valor de io em vez de 40. Consideravam, com efeito, o traço deste X como um traço caligráfico ou decorativo sem valor algum, quando, na realidade, se trata do nexa das cifras Xe L (estando este último muito reduzido) e equivalendo, por conseguinte, a XL ou 40. Foi por esta razão que dataram o epitáfio de Orânia do ano 510 em vez de 540 (4).

Em apêndice, o P.^e António Ferrua, S. L, Professor do Instituto Pontifício de Arqueologia Cristã, de Roma, estuda as *Inscripciones Griegas y Judías* e o Prof. Filipe Mateu y Llopis,

(Ü Hübner, *Supplementum*, n.º 310; Diehl, n.º 1436; P.^e M. de Oliveira, *Epigrafia Cristã em Portugal*, n.º 2. Cfr. gravura nesta obra; em Estácio da Veiga, *Memória das Antiguidades de Mértola*, n.º 3, e em Damião Peres, *História de Portugal*, I, págs. 383 e 385, datando-a de 511, ano 473, por se considerar o traço do X aspado como equivalente ao algarismo I, com o qual se parece nesta inscrição.

Director da Biblioteca Central de Barcelona, as *Inscripciones Cristianas en Monedas Visigodas*.

Depois da transcrição e estudo de todas as inscrições cristãs peninsulares, num total de 520, dá-nos J. Vives minuciosos e utilíssimos índices: i) *Geral epigráfico* de todos os nomes próprios e fórmulas, por ordem alfabética; n) *Cronológicos* ; m) *Históricos*; iv) de *Fórmulas* ; por ordem sistemática; v) *Lugares de procedência* das inscrições e ainda tábuas da correspondência destas inscrições com as publicadas por Hübner e Diehl

Trabalhos desta natureza, por mais perfeitos que sejam, precisam de ser actualizados, de tempos a tempos, para correcção de leituras duvidosas que o exame directo das inscrições aconselhe, e para acrescentar as que de novo se vão descobrindo.

Para Espanha já o ilustre arqueólogo e epigrafista J M. de Navascués y de Juan publicou *De epigrafia cristiana extremeña-Novedadesy rectificaciones* no «Archivo Español de Arqueología», n.º 69, Madrid, 1947.

As setenta e três inscrições cristãs portuguesas estudadas por J. Vives podemos acrescentar uma que se encontra, há muitos anos, no Museu Machado de Castro, de Coimbra, e veio, segundo parece, de Condeixa-a-Velha. Foi já publicada a pág. i5, sob o n.º 14, do *Catálogo-Guia*, das «Secções de Arte e Arqueologia» do referido Museu, em 1944, mas sem o indispensável comentário e, por isso, a transcrevemos :

* j * MARTVRIA FAMV
LA DI VIXIT ANN.
XXXIII REQ. IN P.
II NON. NO
V E M B. ERA
d L (?)

Inscrição em letra maiuscula (excepto o último D que é uncial) bastante irregular, gravada numa lápide de calcáreo branco, com as seguintes dimensões: C. 0^m,66; L. 0^m,40; E. 0^m, 14. As letras MAR de *Marturia* e AMV de *Famula* encontram-se enlaçadas e os x da 3.^a linha estão unidos superior e inferiormente.

O *Catálogo-Guia* considera a inscrição da Era D L X, ano 522.

Parece-nos duvidosa esta data. Com efeito, depois do D são bem visíveis o início duma haste vertical e, um pouco abaixo,

um traço levemente oblíquo, que devem pertencer a um L, mas o X deve ser posterior, porque, além de estar sobreposto à referida linha oblíqua, é de menor formato e tem um traçado mais rudimentar e muito menos incisivo que as restantes letras (2).

J. Vives omitiu também uma inscrição de Silveirona (Estremoz) gravada no verso duma pedra esculpida romana, que se encontra no Museu Etnológico, de Lisboa, onde a estudámos :

† TALA'SA FAMO
LA DEI VIXSIT
ANNOS XLIIII
ET REQVIET
, IN PACE XV
CÁL.^e SEPTEMBRES
ERA ∂LXXXII (3)

A inscrição encontrada na reconstrução quinhentista da igreja de S. Vicente de Braga e hoje embutida na parede interior da sua sacristia, tem sido mal transcrita pelos epigrafistas : Hübner, *Suppl.*, n.º 380 ; Diehl, n.º 2.433 A ; M. Oliveira, n.º 35 ; J. Vives, n.º i83. No original lê-se, com efeito, REMISI VERA e não REMISA / VERA porque está bem vincada a separação do N e V.

É certo que a separação só por si não basta para concluirmos que a primeira haste do V não seja comum à letra anterior, pois também na última palavra AMEN O M está desligado do E, dando-nos a impressão dum N. O caso de Remis/mera é, porém, diferente, porque a última haste do N termina em cima por um traço horizontal, o que se empregava só quando as letras eram autónomas. Explica-se que os epigrafistas tenham sido induzidos em erro por a gravura que utilizaram não vincar bem a separação entre o N e V (Hübner, n.º 380 e J. Vives, fls. x). Albano

(2) A reprodução que se encontra na galeria lapidar da Faculdade de Letras, de Coimbra, tem a Era D X X, o que não corresponde ao que se lê no original.

(3) P.^e Miguel de Oliveira tinha transcrito as três primeiras palavras desta inscrição (*Epigr. Cristã*, págs. 32, n.º 22), cujo texto nos enviou agora, gentileza que muito lhe agradecemos.

Belino publicou uma reprodução bastante perfeita, em que se nota bem a separação entre *o n e o v* (4).

Achávamos preferível que J. Vives indicasse o lugar exacto da proveniência das inscrições e não apenas a terra próxima, que mais facilmente se encontra nos mapas (a qual podia vir entre parêntesis como os conventos jurídicos) ou os museus onde estão depositadas. Deste modo localizava-se mais rigorosamente a sua procedência.

Assim, a inscrição transcrita sob o n.º 70 é de Gondeixa-a-Velha e não de Coimbra, em cujo museu se encontra; a do n.º 73 é de Santa Maria dos Açores e não de Celorico da Beira; a do n.º 75 é de Aramenha e não de Marvão; a do n.º 84 é de Arouca e não de Vide; a do n.º 86 é de Alcácer do Sal; as dos n.ºs 105 e 106 são de Marim; as dos n.ºs 291 e 371 não são de Évora mas, respectivamente, de Vila Nova de Reguengos e de Montemor-o-Novo, e a do n.º 311 é de Santa Margarida de Sadão, Ferreira do Alentejo. As dos n.ºs 275, 349 e 353, redigidas por S. Martinho de Dume, eram, por sua vez, de Dume e não de Braga. No Mapa i.º — *Lugares dt procedência das inscrições*, omite as terras a que acabámos de nos referir.

Como já escrevemos, S. Martinho faleceu a 20 de Março de 579 e não de 580 (cfr. o nosso *S. Martinho de Dume*, ed. «Bracara Augusta», págs. 16, 48 e 52).

No n.º 497, J. Vives diz que M. de Oliveira (*Ep. Cristã*, n.º 10) leu *SABiNvs* em vez de *SABINIANVS*. Examinámos a inscrição no Museu Etnológico e achamos que é M. de Oliveira que tem razão.

Estas ligeiras observações têm apenas em vista chamar a atenção para inscrições que o Autor não conheceu ou não conseguiu examinar directamente, quando da sua viagem de estudo a Portugal. Em nada prejudicam, porém, o grande mérito da obra de J. Vives.

P.º AVELINO DE JESUS DA COSTA.

(4) *Inscrições e Lettreiros da Cidade de Braga*, págs. 85. Reproduz também outra inscrição colocada ao lado da anterior e que se refere à sua descoberta na reconstrução da referida igreja em 1565.

Se J. Vives não excluisse da sua obra as inscrições que apresentam apenas monogramas ou símbolos, poderia acrescentar o sarcófago romano-cristão do séc. iv-v, da Sé de Braga (*Bracara Augusta*, 11, n.º 4, e 111, n.º 1) com ornamentação eucarística, o monograma de Cristo >f< e o alfa e omega A-n.